DONA ZULEIDE DE PAULA UMA GRIOT/ORGÂNICA, UMA ESPÉCIE DE MARC BLOCH OLINDENSE, UMA ANNALES DA HISTÓRIA DE SEU BAIRRO.

Alexandre Alberto Santos de Oliveira (L'Omi L'Odò)[1]*

RESUMO

Este artigo pretende através da bibliografia – Paula, Zuleide de. **Peixinhos : um rio por onde navegam um povo e suas histórias**. Recife : MAGIS, 2009. E outras fontes, contar a história de Dona Zuleide de Paula, uma mulher incrível que não teve curso acadêmico de história, nem concluiu o segundo grau. Portanto, foi a primeira historiadora a contar e escrever história do bairro de Peixinhos/Olinda a partir de suas pesquisas e transcrição de memórias orais das pessoas de sua localidade e passado. Também, e conseqüentemente contar a história do Bairro de Peixinhos (local onde ela nasceu e vive até hoje) a partir da perspectiva da "história vista por baixo". Sendo um bairro de extrema importância histórica, Peixinhos é uma comunidade onde seus moradores transformaram mundos e ainda tentam fazê-lo, por uma perspectiva de dias melhores e transformações sociais. Uma história de fato "vista por baixo". O Bairro de Peixinhos teve em 1999 sua primeira publicação oficial (livro de história) escrito por uma mulher de descendência indígena e afro, militante dos movimentos sociais, feminista, viúva, e de formação educacional "insuficiente".

Palavras - chaves: Dona Zuleide de Paula. Mulher historiadora orgânica. Gênero e luta da mulher. Bairro de Peixinhos. Mulher negra indígena e de periferia.

INTRODUÇÃO

Este artigo contém conteúdos ligados a história de Peixinhos e a biografia de Dona Zuleide de Paula. Todas estas informações contemplam dados históricos orais, de história urbana e de base técnica de pesquisa histórica, além de "história vista por baixo". Tudo aqui escrito foi inspirado e baseado nas indicações contidas no texto do livro Paula, Zuleide de. **Peixinhos : um rio por onde navegam um povo e suas histórias**. Recife: MAGIS, 2009. Como base inspiradora fundamental

[1]* Graduando em Licenciatura Plena em História pela UNICAP – Universidade Católica de Pernambuco. Coordenador do Quilombo Cultural Malunguinho e sacerdote da Jurema e do culto aos Orixás. alexandrelomilodo@gmail.com / Site: www.alexandrelomilodo.blogspot.com

para a esperança na continuidade das tradições orais e nos registros feitos por pessoas não acadêmicas crentes na mudança social. O texto segue com pitadas de amor e carinho guiado pela fala carinhosa de Dona Zuleide, que nos faz recordar nossa infância mais querida e feliz. Também, este texto é uma forma de agradecimento a esta historiadora magnífica que muito me inspirou para a opção de ser historiador hoje. Finalizando, Dona Zuleide é a própria representação da mudança histórica do comportamento da mulher na sociedade mundial. Ela, com sua profunda capacidade de escritora foi a primeira pessoa a escrever um livro inteiro contando a história de Peixinhos. Mostrando sua opção por mudar sua história e por conseqüência a história de seu bairro e das pessoas que nele moram.

1. DONA ZULEIDE E O BAIRRO DE PEIXINHOS - HISTÓRIA VISTA DE FATO POR BAIXO, E AMOR POR BAIXO DO RIO DE SENTIMENTOS ESCRITOS

Uma história de fato “vista por baixo”. O livro de Dona Zuleide de Paula é uma contribuição para o avanço desta modalidade de escrita histórica que quebra/racha com o tradicionalismo histórico do positivismo na ânsia de se colocar em pauta perspectivas diferentes daquela apregoada pelo tradicionalismo historiográfico. Determinados movimentos tais como a descolonização, o feminismo e a ecologia serviram de base para o levante deste novo ponto de observação histórica, uma vez que a história consagrada oferecia uma explicação aquém da preterida por tais fatos. Quando se fala/expressa o termo "povo", a quem se refere? Esta expressão tem o mesmo significado em todas as culturas? Assim pode-se extrapolar estas perguntas para vários outros termos como cultura, religião, educação, popular, etc. Portanto, quando fala-se em "história vista de baixo" há que se ponderar sobre qual perspectiva está se tratando, afinal de contas, a visão de baixo de uma guerra pode partir de olhos de um soldado ou de um civil, noção esta que pode inferir para diversas outras análises históricas.

O Bairro de Peixinhos teve em 1999 sua primeira publicação oficial (livro de história) escrito por uma mulher chamada Zuleide de Paula da Silva, nascida em 23

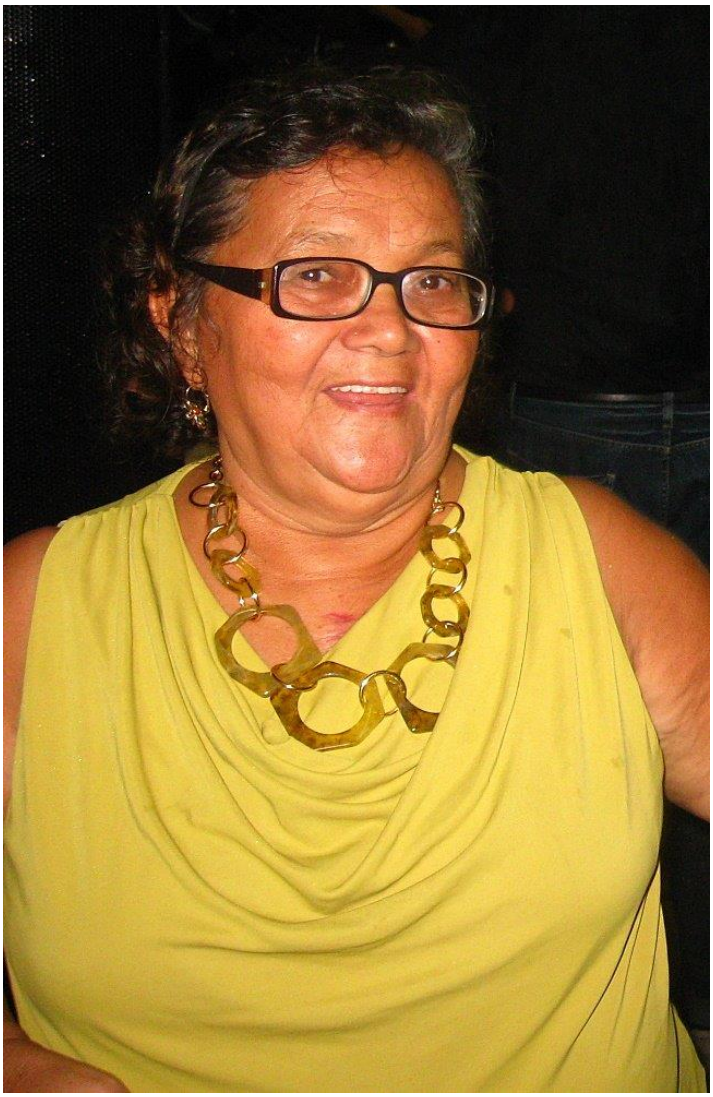
de julho de 1944, mãe de oito filhos (Zelânia, Zélia, Zulaine, Zênia, Náide, Neide, Daniele e Reinaldo, “este falecido em 1999, aos vinte anos, vítima do descaso da saúde pública com os menos favorecidos”) de descendência indígena e afro, militante dos movimentos sociais, fundadora do Grupo Comunidade Assumindo Suas Crianças – GCASC, militante do movimento contra a implantação do lixão no bairro de Peixinhos, idealizadora junto a um grande grupo de artistas do movimento Boca do Lixo, partícipe dos movimentos pastorais da Igreja Católica, feminista, viúva, e de formação educacional “insuficiente” (ginásio – antigaquinta à sexta série, hoje, ensino fundamental II). Não teve curso acadêmico de história, nem concluiu o “segundo grau” – ensino médio. Portanto, foi a primeira historiadora a contar e escrever história a partir de suas pesquisas e transcrição de memórias orais das pessoas dacomunidade. Isso mesmo, historiadora! Uma espécie de Marc Bloch olindense, uma annales. Claro que em uma perspectiva bem diferente do Bloch, que nasceu em uma sociedade ocidental francesa e foi morto pelos nazistas na segunda guerra mundial. Ela nasceu em uma sociedade de “terceiro mundo”, onde sequer em seu tempo pensava-se em garantir a formação acadêmica dos pobres para contar a história do país. Resgatou histórias nunca antes apresentadas, trouxe fotografias antigas da formação do bairro ao nosso conhecimento, escreveu como uma *griot* e doutora. A publicação “Peixinhos, um rio por onde navegam um povo e suas histórias”, foi uma das contribuições mais importantes para o reconhecimento do Bairro como lugar histórico em Olinda e Recife. Pois, o grande objetivo desta mestra dos saberes da história oral, sempre teve como objetivo deixar registrada a história de seu bairro com dignidade, garantindo em seu texto espaço para as vozes de todos e todas que ela por anos escutou... Isso, ela escutou e ainda escuta as histórias dos mais velhos e mais novos... E registra tudo. Transcreve, re-escreve... Recria e dá novos rumos à interpretação histórica da formação social e cultural do povo de Peixinhos.

Merecedora de muitas homenagens foi integrada em 2010 ao projeto Ação Griô do MINC – Ministério da Cultura, no projeto chamado Kimbandas de Malunguinho, proposto pelo Quilombo Cultural Malunguinho, instituição que reconheceu seu

trabalho e a indicou para este projeto. Infelizmente, por falta de maiores apoios do próprio MINC, o projeto se findou sem muitos avanços para aproveitar em sala de aula do bairro os saberes desta mestra professora que muito ensinou os meninos e meninas em sua comunidade no GCASC.

A biografia de Dona Zuleide e imensa e preciso ainda de mais alguns meses para terminá-la. Afinal, é um livro a parte. Este artigo apenas pretende chamar atenção à ela e a sua obra.

Este citado livroé carinhosamente escrito. Ao lê-lo, a pessoa tem a exata sensação de estar sentado no chão ouvindo um mais velho contando histórias de forma profundamente interessante e empolgante... Como mesmo a autora define: “a publicação deste livro é uma das minhas realizações mais profundas”... Dona Zuleide como prefiro chamá-la, é uma mulher revolucionária, que dedica sua vida ao bairro e a mudança social na vida de crianças e adolescentes “carentes”. Mulher baixinha, altiva, altamente conhecida na comunidade, falante e inteligente, dona de discursos empolgantes, ela é hoje a maior incentivadora de pessoas para que escrevam histórias, ou suas, ou de sua família ou do bairro etc. Incentiva e continua escrevendo sem parar. Tem várias publicações guardadas no seu quarto, só esperando apoio para parir mais um importante livro. Hoje encontra-se com problemas de saúde (cardíacos) e leva a vida de mansinho, mas não deixa de participar de todas as atividades culturais do bairro, como por exemplo o Acorda Povo (tradição junina da bandeira de São João, encontrada apenas no nordeste do Brasil, em especial em Pernambuco) que ela mesmo ajudou a fundar a mais de 40 anos atrás.



Dona Zuleide de Paula no dia do lançamento da segunda edição de se livro no Nascedouro de Peixinhos em 2009. Foto: Acervo de Alexandre L'Omi L'Odò.

2. PEIXINHOS E A HISTÓRIA QUE DONA ZULEIDE AJUDOU A PRESERVAR

A história da localidade onde hoje é Peixinhos é muito longa, e se inicia no século XVI com a fundação do Engenho Nossa Senhora d'Ajuda que foi instaurado em 1535 por Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho Pereira, primeiro donatário da Capitania de Pernambuco.Situado nas proximidades de Olinda, já então reconhecida como uma próspera vila, o engenho representou a primeira fábrica de açúcar em Pernambuco, tendo sido a segunda em terras brasileiras e que

deu origem à vocação da indústria açucareira de Pernambuco. Além disto, era este engenho bangüê, situado a três quilômetros do cais do Varadouro, subindo o rio Beberibe, o responsável pela água potável usada para o abastecimento de Olinda. É bom pautar que já a este tempo, eram os negros e negras os responsáveis por este abastecimento de água, tendo no Rio Beberibe sua fonte.

Originalmente o engenho Nossa Senhora d'Ajuda ocupava todas as terras do delta do Beberibe (região dos pântanos de Olinda, hoje Jardim Brasil I e II, Peixinhos, Aguazinha, São Benedito, etc.), fazendo divisa com a cidade de Recife no bairro de Santo Amaro e ia até onde hoje existe a cidade de Paulista.

A propriedade quando foi adquirida por Henry Gibson em 1859, por foro concedido pelo Município de Olinda, já era denominada *"Forno da Cal"* e não produzia mais açúcar, encontrando-se decadente, invadida por posseiros e apesar de ter sofrido vários desmembramentos, foi ainda em suas terras que surgiu o bairro de Peixinhos e a Vila Cidade Tabajara (Ouro Preto) - ambos em Olinda, e o bairro de Beberibe em Recife, entre outros. E ainda, foi na área do antigo Forno da Cal que se construiu a Escola de Aprendizes de Marinheiros, o Matadouro de Peixinhos, o Shopping Tacaruna e o Centro de Convenções de Recife.O Forno da Cal transforma-se na FOSFORITA OLINDA S/A. E foi só em 1949 que se descobriu a imensa riqueza do Forno da Cal,

> *"com reservas de fósforo estimadas em mais de 100 milhões de toneladas e que irão, não só revolucionar a lavoura pernambucana, como também evitar as importações de adubos fosfatados, verdadeira sangria do nosso dinheiro". Portanto, também foi a Fosforita que "da mesma forma que atraia trabalhadores, contribuiu para o aumento desordenado da população e, consequentemente, para o surgimentos de favelas" (Paula, 2009, p. 13.).*

Em 1904, o engenheiro Sr. José Antonio de Almeida Pernambuco (Dr. Pernambuco), adquire as terras do Forno da Cal e vários sítios encravados ou adjacentes. Foi ele o responsável pela construção do Matadouro de Peixinhos, iniciada em 1874 e, concluída, em 1919. Sua intenção, com a aquisição dessas terras, era devido à necessidade de ampliar a atividade desse empreendimento.

Hoje é em Peixinhos que está um dos últimos vestígios materiais deste processo histórico, a Igreja Nossa Senhora d'Ajuda, santa que também é padroeira do Bairro. Este templo católico se localiza na Av. Antônio da Costa Azevedo e tem umaarquitetura moderna. De sua estrutura original nada foi mantido.

O Nome do Bairro só foi de fato revelado os seus porquês após o lançamento do livro de Dona Zuleide. Ela conta:

> "Havia um rio, um rio maravilhoso de água cristalina. Ninguém sabia onde nascia, mas esse rio dividia Recife e Olinda. Hoje nem os urubus querem pousar nele. É um lugar em que são jogados adolescentes assassinados. Um rio tão esquecido quanto aqueles que vivem ao seu redor. Antes, em sua água cristalina, havia cardumes de um pequeno peixe. Ninguém sabia o nome dos pequenos peixes. Todos conheciam os dos outros, mas dos peixinhos, não. Vinha gente pescar de bairros do Recife, como Santo Amaro e Casa Amarela. Quando os pescadores se encontravam, já combinavam: "vamos pescar no rio dos peixinhos". O tempo foi passando e o nome foi ficando" (Paula, 2009, p. 13.).

Do século XVI ao XVII, existiram no Recife alguns currais e matadouros públicos e particulares. Sabe-se, inclusive, que, em 1824, o governo comprou de Elias Coelho Cintra um terreno, situado no extremo sul do bairro da Boa Vista, à época denominado *Curtume do Coelho* ou *Sítio dos Coelhos*, para servir de matadouro geral para os açougues do Recife, Boa Vista e Afogados. Outros currais de gado presentes no areal das Cinco Pontas foram transferidos para a Cabanga, por decisão da Câmara Municipal, em 1831, ano em que ficaram estabelecidas regras sobre a matança do gado, a venda da carne nos açougues públicos e particulares, o itinerário e a hora de entrada na cidade das boiadas que vinham do interior.A mudança de endereço dos currais de gado teve que esperar até 1844, quando através da Lei Provincial nº 135, foi autorizado empréstimo e escolhido o local – o areal das Cinco Pontas – para a construção de um matadouro público e logradouro para o gado. O projeto foi do engenheiro coordenador da Câmara Municipal, Antônio Feliciano Rodrigues Sete, mas por causa da impropriedade do local – alagamento quando da maré cheia –, o projeto não vingou.Em 1855, ficou estabelecido pela mesma Câmara a construção do matadouro na Cabanga, quase

no extremo sul da rua Imperial. Neste mesmo ano, em 26 de agosto, foi realizado o primeiro abatimento de gado. Nos terrenos do areal das Cinco Pontas, onde funcionavam o matadouro e os currais, foi construída a estação central da estada de ferro do Recife ao São Francisco, cujos trabalhos foram inaugurados a 7 de setembro de 1855.

O matadouro construído na Cabanga funcionou até 1919 quando foi transferido para um novo local à margem do rio Beberibe, limite dos municípios do Recife e Olinda, no bairro de Peixinhos.O período de construção desse novo matadouro foi de dezembro de 1912 a 19 de novembro de 1919. Entretanto, sabe-se que, em 1874, foi assentada a sua pedra fundamental e existem informações que, daquele ano até 1912, foi feito mais de um contrato para erguê-lo, mas nenhum deles foi cumprido.

Também, o Bairro foi local crucial de trânsito e articulação do Quilombo do Catucá. Os líderes negros Malunguinho, que na primeira metade do século XIX fizeram das margens do rio Beberibe (entre Recife e Olinda) local de sobrevivência e de luta por liberdade, tiveram nestas terras, local seguro para suas estratégias de resistência. A grande área de mangue ainda existente na época, hoje em irrisória quantidade, era naturalmente uma fortaleza utilizada por estes negros e índios que ali fizeram moradia e trânsito de mercadorias saqueadas dos comerciantes. O Catucá era um quilombo que partia desta localidade e se estendia até a cidade de Goiana, expandindo-se por quase toda área da Mata Norte.

O Bairro, somente a partir da segunda metade do século XIX, com a construção do matadouro de bois, caprinos, suínos e ovinos que se desenvolveu como centro comercial, trazendo muita gente dos interiores e até de outros estados em busca de trabalho. Estas pessoas, homens e mulheres, tinham baixa escolaridade e eram refugiados da miséria de outras localidades. É fato que foi o sangue dos animais que ergueu a comunidade tal qual ela é hoje. Peixinhos sempre foi a terra da faca, onde os homens eram conhecidos como destemidos e “brabões”.

A fama do bairro, mesmo após o fim de seu processo comercial com o matadouro, ainda carrega esta fama de bairro perigoso e violento. Portanto, era comum ver homens andando nas ruas com seus grandes facões de 18' polegadas "nos quartos"... O cheiro dos chifres e das vísceras queimadas sempre aos finais das tardes faz-me lembrar o quanto este bairro tem uma profunda relação com a morte e com a vida que a morte pode nos possibilitar... Atualmente, Peixinhos tem como atrativo principal o comércio diversificado, representado tanto pela Feira de Peixinhos quanto pela quantidade de lojas instaladas na Avenida Presidente Kennedy, principal via de acesso ao bairro. A forma desordenada de ocupação do espaço levou Peixinhos a ter problemas estruturais, como a maioria dos bairros periféricos urbanos. Problemas como falta de pavimentação das ruas, energia elétrica, espaço público para lazer, entre outros, podem ser visto claramente quando se anda pelas ruas, vielas e becos do bairro.

Como comunidade pobre, esquecida pelo Estado, com muitas favelas e dificuldades sociais históricas, Peixinhos também é conhecido como terra da cultura, ou o centro cultural de produção criativa mais importante de todo município olindense, quiçá de Pernambuco, entre as décadas de 1980 e 1990. Foi nele que nasceu o Movimento Mangue e o seu "Bit" com a mistura rítmica experienciada pelos blocos afro do início da década de 80 do Bairro, por exemplo.

O Bairro faz parte da Região Político-Administrativa RPA 3 em Olinda, e RPA 2 na parte que pertence a Cidade do Recife. Tem área total de 2,96 km² e população de 36 215 habitantes, segundo o senso de 2000. Devido a suas grandes dificuldades, seus moradores também foram personagens históricos de grande criatividade ao darem luz à estratégias de sobrevivência e de organização político-social muito eficazes no combate a violência, a fome e na ajuda à saúde pública. A partir dos movimentos das pastorais católicas, a comunidade criou vários grupos e ONGs importantes para suprir a ausência do Estado. Um destes e o GCASC – Grupo Comunidade Assumindo Suas Crianças, localizado na Av. Nacional. Fundado em 1986 por homens e mulheres preocupados com o destino de crianças e

adolescentes, que naquela época morriam aos muitos assassinados. Entre estas mulheres, estava lá a Dona Zuleide de Paula, historiadora que nos revelou Peixinhos em sua obra. Ela, junto com outras diversas lideranças, e com o Padre Antônio, antigo padre da Igreja Nossa Senhora d'Ajuda, revolucionaram a comunidade puxando movimentos importantíssimos que reverberam até os dias de hoje. Um destes foi a luta contra a instalação de um Lixão no local onde hoje é o Nascedouro de Peixinhos, conseqüentemente o Centro de Tecnologia do Governo do Estado, a Refinaria Multicultural do Recife e o CSU – Centro Social Urbano da comunidade, instituições que funcionam nas reformadas ruínas do antigo Matadouro de Peixinhos.Este movimento contra a instalação do Lixão deu ainda luz ao Movimento Cultural Boca do Lixo, que até os dias de hoje milita pela cultura em geral do Bairro. Eles tem uma biblioteca intitulada – Biblioteca Multicultural Nascedouro de Peixinhos que tem um acervo rico em diversidade. Eles tem até uma parte da biblioteca dedicada a bibliografias indígenas, ação muito interessante. Em relação a saúde, o bairro tem um dos centros mais importantes de produção de medicamentos naturais do Estado, o Grupo de Saúde Condor e Cabo Gato, que funciona dentro da favela do Condor, na Rua do Condor, local próximo às margens do Rio.

Cultura popular é uma boa expressão para identificar a atividade criativa do Bairro. Com muitos grupos, entre maracatus, orquestras de frevo, grupos de Guerreiro (já extintos), cocos com o Mestre Galo Preto e Dona Elisa do Coco, bandas de rock, pagode, samba e brega etc. O Bairro é hoje referência em grandes showsque acontecem no palco do teatro da Refinaria Multicultural. Já passaram por lá até aÁfrica Bombatha, Nação Zumbi, Cordel do Fogo Encantado, Virgínia Rodrigues entre outros espetáculos de repercussão nacional de teatro e circo.O Nascedouro é hoje um point cultural de relevância no Bairro.

A fama de Peixinhos no cenário cultural trouxe muitos visitantes ilustres a comunidade. Vários artistas quiseram conhecer a comunidade ao qual Chico Science fala nas letras de suas músicas.

A reforma parcial do Nascedouro foi fruto da luta da comunidade a partir do Movimento Cultural Boca do Lixo e outros movimentos que se uniram para ocupar o local com arte e música. Esta atitude dos jovens músicos frutificou a ponto de nos dias atuais este movimento ser considerado um dos grandes movimentos de luta comunitária do mundo, segundo algumas teses.

Em 2007, a AAN – Associação Amigos do Nascedouro surgiu para dar um novo fôlego aos movimentos de resistência comunitária de Peixinhos. Apoiada inclusive por instituições européias, a entidade lutava por “uma gestão democrática cultural” no espaço do Nascedouro, já que este espaço foi ocupado pelos poderes governamentais e a comunidade foi praticamente expulsa de lá após 17 de março de 2006, data de sua inauguração oficial, pós reforma parcial. Infelizmente a AAN fracassou e teve suas ações reduzidas a pó a partir da incompetência de seus gestores e instituições “guarda-chuva” que tentaram administrar o projeto. Acreditamos que esta tenha sido a última oportunidade da comunidade retomar seu lugar no cenário das grandes lutas por uma comunidade melhor. O Bairro ainda sofre com a insistente e nociva politicagem do PC do B que sempre integra os movimentos internos da comunidade para atrapalhar e não deixar o Bairro crescer. Em 23 de maio de 2008 foi inaugurado pelo governador de Pernambuco, Eduardo Campos, o Centro Tecnológico de Cultura Digital de Peixinhos (CTCD) que irá oferecer cursos técnicos e de qualificação gratuitos em áudio, rádio, TV/Vídeo, Design Gráfico, programação e metareciclagem, propiciando melhor qualificação profissional para jovens e adultos e maiores perspectivas de emprego. Esta entidade é a única que ainda dialoga com os movimentos de Peixinhos... Contudo, os movimentos comunitários andam enfraquecidos e se extinguindo aos poucos infelizmente.

O Bairro não conseguiu nos últimos 20 anos mudar seus aspectos urbanísticos. “Peixinhos tem a mesma cada dos anos 80”, diz Dona Zuleide que nunca para de perceber a comunidade que ama e registra como forma de resguardar a memória daquilo que a academia nunca deu valor ou atenção. Ela ainda pretende escrever

um segundo volume de seu livro, para complementar a aquilo que não foi escrito no primeiro. Um dos aspectos levantados por ela são as comunidades de terreiro que existem na comunidade. São muitos e merecem atenção. Segundo pesquisa socioeconômica e cultural das comunidades tradicionais de terreiro realizada pelo MDS e UNESCO em 2010, Peixinhos teria 29 terreiros de Jurema, candomblé e umbanda. Dado forte, pois pode ser uma das comunidades de Olinda que tem o maior números de terreiros.

O poeta Oriosvaldo Limeira de Almeida, uma das grandes lideranças intelectuais e culturais do Bairro escreveu ao observar todos os movimentos que ocupavam as ruínas do antigo Matadouro de Bois, quase de forma profética este poema que encerra estes escritos sobre o Bairro de Peixinhos:

"Esta terra banhada em sangue de animais, suor de homens,
não será mais matadouro posto que
doravante será o Nascedouro da Cultura Popular [...]"

Conclusão

Este é um artigo ainda em construção. A biografia de Dona Zuleide é imensa e jamais caberia nas páginas deste breve texto que fala sobre ela e o Bairro. Ainda há muito o que coletar sobre ela, e este trabalho continua em minhas pesquisas de campo. Ela adora falar de Peixinhos, por isso dei ênfase na construção deste texto às informações sobre o bairro.

Ao estudarmos as fontes e bibliografias sobre o Bairro de Peixinhos e sua história, ver as passagens dos séculos e suas formas de sobrevivência, pudemos observar o quanto este bairro foi guerreiro, e ainda o é, em sua luta por dias melhores. Mesmo sendo abandonado quase que completamente pelo Estado, o Bairro ainda sonha e luta por seus direitos históricos. De fato o Bairro tem um perfil

revolucionário indiscutível. Seus personagens, cujo não citamos neste artigo sequer 10% deles, foram grandes transformadores de mundos. As narrativas de Dona Zuleide, autora do livro que nos guiou neste estudo, são completamente encantadoras. Ler seu livro me transportou a um universo absolutamente real do que é o Bairro e suas histórias...

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Marcus J. M. de. ***Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo.* Recife, 1822 – 1850**. Recife, Editora Universitária da UFPE, 1998.

CAVALCANTI, Lia de Barros. ***O sacrifício arquitetado do Matadouro Municipal***. 1997. Monografia (Pós-graduação em Arquitetura Brasileira) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo de Pernambuco, Recife, 1997.

MORENALVES, Danielle. ***Matadouro de Peixinhos***. Recife, 1994. Trabalho de Graduação apresentado à Faculdade de Arquiteura e Urbanismo, Recife, 1994.

PAULA, Zuleide de. **Peixinhos: um rio por onde navegam um povo e suas histórias**. Recife: MAGIS, 2009.

PERNAMBUCO. Secretaria de Planejamento. **Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana do Recife (Fidem)**. *Plano de preservação dos sítios históricos*. Recife, 1978.

Fontes

ANTIGO matadouro de Peixinhos vira centro de produção. Disponível em: <http://www.topgyn.com.br/conso01/conso01/noticias159.php?ultima=1095>. Acesso em: 26 Maio. 2012.

AZEVEDO, Michelle Pequeno de. *Cultura suburbana de Peixinhos*: entre o popular e

o pós-moderno. Disponível em: <http://www.moisesneto.com.br/peixinhos.pdf>. Acesso em: 26 Maio. 2012.

BAIRRO de Peixinhos. Disponível em: <http://www.ccjrecife.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=62&Itemid=54>. Acesso em: 26 de Maio. 2012.

BARBOSA, Virgínia. *Matadouro de Peixinhos.* **Pesquisa Escolar Online**, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>. Acesso em: dia mês ano. Ex: 23 de Maio. 2012.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1972a, p.5

Forno da Cal (Revista de Geografia. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 25, n. 1, jan/abr. 2008. 104

FREITAS, Catarina; BAHÉ, Vanessa. *Nascedouro cultural é inaugurado em Peixinhos*. Disponível em: <http://www.olinda.pe.gov.br/portal/noticias.php?cod=805>. Acesso em: 26 Maio. 2012.

http://www.familiagibson.org/2012/03/engenho-nossa-senhora-da-ajuda.html>. Acesso em: 27 de Maio. 2012.

MATADOURO de Peixinhos. *Almach de Pernambuco*, Recife, ano 24, p. 209-211, 1922.

Notas sobre o Forno de Cal – Prof. Paulo Duarte – Recife 1954.

Revista Engenharia, Mineração e Metalurgia, Vol. XVI n. º 94 nov. /dez 1951 e Vol.

XIX , n. º 112, de março de 1954.

Vol. IX dos Anais da Sociedade de Biologia de Pernambuco 1949.